

porque são considerados indesejáveis pelo Itamaraty — estão proibidos de entrar ou sair do país, como ocorre em todos os grandes aeroportos do mundo. O Dedo-Duro, por sinal, parece bem menos discreto que seus similares estrangeiros. Tanto assim que, mais de uma vez, os próprios integrantes da lista negra puderam ler a informação transmitida numa tela em vistosas letras verdes: "Entregar passaporte à chefia sem que o passageiro perceba".

SEQÜESTRO

Era mentira

A polícia desmonta a versão da polícia

Em janeiro passado, a Polícia Federal arrebanhou em Bagé, a 370 quilômetros de Porto Alegre, três testemunhas dispostas a sustentar a versão de que os uruguaios Universindo Díaz e Lilian Celiberti não foram seqüestrados no dia 17 de novembro de 1978 — uma operação em parte testemunhada pelos repórteres Luís Cláudio Cunha, de VEJA, e J. B. Scalco, da revista *Placar* — e, sim, cruzaram espontaneamente a fronteira com o Uruguai. Na ocasião, o motorista de táxi Adil Machado Ianzer contou que fora procurado na manhã do dia 21 de novembro por um casal uruguaio (eram Lilian e Universindo, deduziu), acompanhado por duas crianças, que imaginou serem Camilo e Francesca, filhos de Lilian. Sem dinheiro para uma corrida de táxi até a cidade de Melo, em território uruguaio, continuava a história, os quatro teriam rumado para a estação rodoviária e, dali, embarcado num ônibus de Oswaldo Biaggi de Lima, que conduziu o grupo através da fronteira. O cobrador Patrício Lugo Acosta confirmou tudo e a Polícia Federal passou a versão adiante, dando como prova uma ficha com os nomes de quatro viajantes, que teriam se registrado no guichê de passagens com documentos falsos.

Agora, a polícia se encarrega de desmentir a própria polícia, provando que as testemunhas mentiram. Segundo o laudo elaborado pelo Instituto de Criminalística, encomendado pela CPI da Assembléia Legislativa que investiga o seqüestro dos uruguaios, e conhecido na terça-feira, um único passageiro, de nome Luiz, embarcou em Bagé com destino a Melo às 7 horas da manhã de 21 de novembro. Baseados na análise das segundas vias das passagens vendi-

das naquele dia na rodoviária de Bagé, os peritos concluíram que os quatro uruguaios não estavam no ônibus.

TESE DERRUBADA — A lista de passageiros preenchida pelo motorista Lima e entregue à Polícia Federal, todavia, não acusa a presença de nenhum Luiz. Dela constam os quatro nomes que, na versão policial, foram adotados por Lilian, Universindo, Camilo e Francesca. Estranhamente, a lista de Lima, ao contrário de todas as outras examinadas pelos peritos em Bagé, indica como nacionalidade dos viajantes a sigla ROU (República Oriental do Uruguai). "Quem usa apenas essas iniciais, quando se refere ao Uruguai, é a Polícia Federal", informa o promotor Dirceu Pinto, designado pelo Ministério Público para acompanhar o caso.

"Em princípio, o laudo derruba a tese da saída por Bagé", afirma o promotor. Derruba também um documento elaborado pela Justiça Militar uruguaia, em cumprimento a uma carta rogatória encaminhada pela polícia brasileira, ao longo do qual declarações ar-

Nome	Sexo	Idade	Profissão	Sigla
LILIAN	F	22	DOMINANTE	ROU
CAMILLO	M	22	DOMINANTE	ROU
FRANCISCA	F	22	DOMINANTE	ROU
UNIVERSINDO	M	22	DOMINANTE	ROU

A lista de Lima: falso testemunho

rancadas de Lilian e Universindo confirmam a história montada a partir dos testemunhos "capturados" em Bagé. "Quem mentiu vai levar ferro", promete o coronel Luiz Macksen de Castro, superintendente da Polícia Federal. Desde a semana passada, há provas de que pelo menos três testemunhas mentiram — e estão, portanto, expostas à ira do coronel Castro e ao risco de um processo por falso testemunho. Mas também há indícios de que o trio foi recrutado por policiais, que forjaram o fantasioso enredo da saída espontânea dos uruguaios. Para ser coerente, o coronel Castro deve tentar localizar os demais culpados — com a mesma isenção exibida pelos peritos do Instituto de Criminalística.



Fuma e não abre

Desafiado por uma equipe de cinco cardiologistas que o visitavam no Palácio do Planalto, o presidente João Figueiredo admitiu que não consegue deixar de fumar: falta-lhe força de vontade. Os médicos recomendaram que ele jamais deveria ultrapassar a cota de dez cigarros por dia. Fumante sincero, o presidente confessou saber dos riscos do tabaco: no ano passado ou-

viu o mesmo conselho, tentou segui-lo e desistiu.

Ele fuma Parliament, americanos, quando ganha, e Charm, nacionais, quando compra. Sua tabela atual: dois cigarros quando recebe o pedido de um deputado para autorizar gastos de 6 milhões de cruzeiros; e um maço inteiro quando lhe chega a notícia de um novo aumento do petróleo.